

A Volta a Portugal EM BICICLETA

Os desportistas louletanos e também os de Tavira, terras onde o ciclismo tem profundas raízes, foram esquecidos pela organização da próxima Volta a Portugal que contrariamente ao que vem sendo tradicional, não terão finais de etapas.

O ciclismo no Algarve sofrerá com isso um profundo e desnecessário golpe. Porquê?

(Avença)



ANO XIII N.º 321

ABRIL — 18

1 9 6 5

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

VEXILLA REGIS PROBEUNT

Depois do silêncio respeitativo de quase 3 dias, evocativo da morte do Homem-Deus, voltaram os sinos a repicar anunciando a Ressurreição do Senhor.

É Páscoa! A Páscoa, grande festa do povo judeu, tomou, para os Cristãos, a grandeza e a sobrenaturalidade do facto que com ela coincidiu no ano 33.º da nossa era, o triunfo de Cristo sobre a Cruz; a vitória sobre o pecado.

«Eu venci o Mundo».

Com a morte do Mestre ruia toda a Sua doutrina; frustavam-se as promessas e os próprios Apóstolos, que tantas vezes presenciaram testemunhos da Sua Divindade e deles participaram, desanimados e desiludidos e vencidos, aferrolharam-se no Cenáculo.

Escreveu bem S. Paulo —: «Se Cristo não ressuscitou, a nossa fé é vã».

Por isso, a Ressurreição constituiu o facto da mais misteriosa e insondável transcendência no resgate da humanidade pelo Filho de Deus.

Foi o Seu triunfo e a Sua Glorificação e foi também a vitória do homem sobre o pecado.

Grande festa é a do Natal, porque se comemora a 1.ª vinda de Jesus e os anjos cantaram *Glória a Deus nas alturas*. Mas a Páscoa Cristã é o remate triunfante

da missão de Cristo no Mundo.

A Paixão foi o sacrifício de humano, condicionador da vitória, da vitória pela Cruz e o próprio Cristo respondeu aos discípulos de Emauz —: «não sabeis que é pelo sofrimento que se conquista a Glória?»

Na Paixão, Cristo sofreu sozinho os sofrimentos da Humanidade, para, a seguir, dividir com ela a Sua Glória; foi a libertação do homem espiritual das condições do homem animal, por isso a Mensagem Pascal se resume nas frases «*Tende confiança. Eu venci o Mundo*».

Com Jesus, também a humanidade ressuscitou em dia de Páscoa e foi elevada até ao Seio de Deus, «Jesus fez sentar com Ele, à direi-

(Continuação na 4.ª página)

UMA PROFISSÃO

Pelo Dr. E. Ferreira da Encarnação

Quando nós, como médicos, contemplamos uma criança cheia de vida e alegria que conseguimos reanimar após parto prolongado e difícil, quando recebemos um abraço franco dum doente agradecido por o termos arrancado às garras da morte, isso enche-nos de satisfação e, por que não confessá-lo, até dum certo orgulho.

Raras, embora, traz-nos, por vezes, a clínica, compensações destas dádivas afectivas que, se não anulam, por completo, o sabor amargo da hostilidade e da ingratidão dos que nos esquecem, servem ao menos, de algum conforto moral.

Ao médico cabem tarefas das mais delicadas: a de curar ou de minorar o sofrimento físico e psíquico.

Mas, perante os seus fracassos, perante a sua impotência, que muitas vezes será a impotência da própria ciência, é obra de, incompreensão e de injustiça. Dele muito se exige, mas pouco se sabe perdoar.

Ele é feito do mesmo barro que qualquer ser humano, sentindo e sofrendo, amando e desejando, meditando e sonhando, conquistando e fracassando. Tudo isto se esquece muitas vezes. O que é dado deixar transparecer o espectáculo do seu próprio sofrimento.

(Continuação na 2.ª página)

Mercado Municipal

O piso da placa central, descoberta, no Mercado Municipal, encontra-se, sobretudo, na parte próxima do peixe, em estado deplorável de conservação. Bem se poderia talvez estender sobre a velha e gasta calçada, uma camada de cimento ou betume que proporcione um pavimento mais regular e cómodo para tanta gente, que, diariamente tem de o utilizar.

Ou talvez não fosse muito mais caro proceder ao seu revestimento com cantaria ou mosaico de cimento.

Também a Câmara Municipal poderia fornecer aos vendedores de peixe, ardósias pequenas onde se indicassem os preços de venda, acabando com o ridículo costume de se anunciarem os preços, em pequenos cartões recortados de maços de cigarros.

Um outro costume que choca quem visita o Mercado e não está habituado aos seus costumes é a algazarra infernal que os vendedores de peixe fazem, em dia de maior abundância, uns reclamando a sua mercadoria e outros desfazendo da dos concorrentes.

Temos de convir que, com a chegada do tempo quente Loulé passa a ser visitada por muitos estrangeiros e nacionais que estranharão certamente tão bizarras formas de anunciar e vender.

(Continua na 3.ª página)

A AGRICULTURA E A SUA FALÊNCIA

O senhor Ministro da Economia, em recente declaração feita ao País, pôs bem a claro o estado de ruína a que chegou a agricultura nacional, não hesitando em afirmar: «Vencer a crise da agricultura é um imperativo da Nação. E venceremos».

Esta declaração é já de si uma prova de que isto vai mal em matéria agrícola e que não são as soluções utópicas, tantas vezes encarádas, que irão resolver o maléfico problema. Assim, encarando a estrutura da propriedade, S. Ex.ª afirma: «Não somos, por princípio, nem contra a pequena propriedade nem contra a grande propriedade. Somos antes a favor de toda e qualquer exploração agrícola que se afirma progressiva».

Já aqui o afirmámos, por mais duma vez, bulir na estrutura da propriedade, seria lançar a Lavoura num surto de confusões e embaraços, cujas consequências ninguém pode calcular. Sob o aspecto económico o rendimento não aumentaria, por unidade, com a extensão; sob o aspecto político, social seria mais um passo dado na direcção das re-

públicas socialistas, de que, por outro lado, se faz acérrimo combate, aliás com justificada razão.

O problema agrícola contém em si factores muito diversos e complexos, ramificando-se cada um deles noutros factores de ordem secundária. Assim, sendo a agricultura uma forma atractiva da riqueza na sua aplicação primária, a breve trecho vamos encontrá-la ligada à pecuária, à indústria transformadora, ou na dependência de outras indústrias donde recebe as máquinas e ferramentas, os adubos químicos, os desinfectantes, etc.. Na base de tudo isso figura a mão-de-obra, já de si caprichosa e flutuante, que vem dar ao problema uma parcela difícil de fixar; e por cima ainda nos surge a incógnita do tempo com seus segredos de «bruxaria».

Pretender encerrar todos estes factores no limitado espaço da

(Continuação na 2.ª página)

José Barão

Em convalescência da doença que o acometeu, encontra-se em Vila Real de Santo António o distinto jornalista algarvio, e nosso estimado amigo sr. José Barão, dinâmico director do nosso prezado colega «Jornal do Algarve».

Palácios e... Justiça!

De quando em quando e com uma frequência cada vez maior, os jornais noticiam a inauguração de mais um novo edifício para funcionamento dos serviços judiciais e afins; de mais um palácio de justiça.

Como oficiais do ofício, não podemos deixar de nos congratularmos, não só porque se vai rodeando o exercício da mais elevada e nobre das funções do Estado com a dignidade externa que lhe deve ser própria, como também porque o Professor Doutor Antunes Varela, com notável sentido das oportunidades, aproveita as circunstâncias para exposições magistrais, que vão das questões judiciais aos problemas da política.

Todavia — e sem esquecermos a resposta de Cristo às críticas sobre o desperdício de perfumes que mulher piedosa Lhe derramou nos pés — surge-nos por vezes a lembrança dos tribunais a abarrotar de processos por juizes, aliás parcimoniosamente pagos, não virem os serviços. Então ocorre-nos meditar se não seria preferível uma digni-

cade externa menos luxuosa, e maior número de magistrados e mais bem pagos e, portanto, sustentando a fuga dos melhores.

Sim, porque apesar de exercida em palácios, não se dignifica lá muito a instituição judiciária, quando os processos aguardam despacho por mais de um ano (note-se não nos referimos à duração dos processos, mas à sua paragem absoluta à espera de

(Continuação na 4.ª página)

Postal de Faro

«DIA DO TURISTA»

Começa a surgir o alvor do turismo algarvio, na sua expressão de maioridade mundial. No entanto, muito urge ainda promover, nos vários sectores que a operação comporta. Simpática esta realização do «Dia do Turista», durante o qual o visitante receberá uma dose «mais concentrada» da tradicional hospitalidade portuguesa. A exemplo do que acontecerá em todo o País, vai a Comissão Municipal de Turismo promover vários actos, entre os quais a entrega de numerosas lembranças de artigos da nossa terra, numa gentileza que muito cativará o visitante.

CONCERTO MUSICAL

Constituiu assinalado êxito o concerto que na última 3.ª feira a Orquestra Juvenil de Lisboa deu no salão nobre da Câmara Municipal de Faro. Este magnífico conjunto de arco da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, que com mérito tem arrancado elogiosas referências em todo o País e que conta com o apoio da prestimosa Fundação Calouste Gulbenkian, é constituído por vinte jovens executan-

Faça os seus anúncios em

A VOZ DE LOULÉ

(Continua na 4.ª página)

uma situação há tantos anos encarada, que se adiem as diligências encetadas, que tudo continue como até aqui, a esperança se sabe de quê, que se man-

(Continuação na 2.ª página)

Ciclismo

Embora não fôssem famosas as classificações finais dos ciclistas louletanos no campeonato de Portugal há tempos realizado em Lisboa, as respectivas actuações foram de molde a justificar a convocação para a prova de selecção, de Vitor Tenazinha, Casimiro Cabrita e Perna Coelho. Aquele, como vai sendo habitual, o melhor. No primeiro dia de prova coube-lhe a iniciativa da fuga que decidiria o vencedor, mas não quis o destino que chegasse entre os primeiros, em virtude de se haver partido o guidão da máquina, forçando-o a perder imenso tempo. A recuperação ao pelotão foi digna de ver-se pois fez-se numa altura em que o mesmo pedalava furiosamente. Acompanhou o esforço um dos seleccionadores.

No contra relógio foi 13.º e na geral foi 17.º.

Casimiro Cabrita fez também um contra relógio interessante, mas porque não doseou convenientemente os esforços, no primeiro dia, o que também sucedeu com o Perna, ambos se quedaram em lugares por demais modestos.

Cebola e Manuel Mendes desistiram.

Neste momento a equipa participa no grande prémio Robbailac, que constitui a prova de selecção para Brasil, Espanha e França e por isso se reveste de particular dureza, dos dias 13 a 18, entre Lisboa e Porto.

Os ciclistas seguiram para Lisboa no dia 12, uns de carro e outros de comboio.

Chefia a caravana o director, senhor Artur Marques Guerreiro. Boa sorte!

No momento em que escrevemos estas últimas linhas já a caravana se encontra em Aveiro,

(Continua na 4.ª página)

28.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Para além do seu aspecto fundamentalmente desportivo, a VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA vive muito, como se sabe, do clima em que se desenvolve, do ambiente que lhe é forjado pelo entusiasmo do público, que acompanha a par e passo as proezas dos corredores. São essas proezas que, na verdade, projectam a Volta no seu plano popular. Para elas não podem deixar de contribuir certos estímulos, dados pela existência dos prémios, que serão tanto mais estimulantes quanto mais valiosos forem. O «fenómeno» repete-se todos os anos. O prémio tem sido, é, e continuará a ser, uma das alavancas do em-

penho dos concorrentes, mesmo considerando o que há neles de sentido desportivo, com tudo que lhe é inerente: espírito de luta, aplicação, dedicação clubista.

Além dos prémios oficiais, naturalmente os mais compensadores, a Volta também beneficia largamente com os chamados prémios particulares, quer os que são disputados ao longo das etapas, quer os que são atribuídos no final da prova.

A «28.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA», este ano organizada pelo «Diário de Notícias», «Mundo Desportivo» e «Jornal de Notícias», com a co-

(Continua na 3.ª página)

Panorâmicas... de Loulé

Na «Folha do Domingo» do dia 4 deste mês, e sob o título «Loulé de boca em boca», resolveu Pedro Xavier, pseudónimo de um nosso conterrâneo, criticar o organização das Festas do Carnaval de Loulé.

Deu fraca medida do seu ataque e denunciou irreflexão ao fazê-lo em termos que melindram e que, só por levandade se podem admitir.

É fácil a quem está de fora, sem cuidados, apreensões, incómodos, cansaças e preocupações, criticar uma realização desta categoria em que interferem tantos factores, nomeadamente os económicos e até os de Turismo obrigando a submeter todas as propagandas à prévia aprovação.

Foi sempre fácil destruir — mórmente quando se não ajuntam credenciais de construtor — e sobretudo quando se usam argumentos, que podem ser explo-

sivos e violentos de mais, para quem, publicamente, deveria rodear a sua crítica de sensatez, coerência, concisão e objectividade.

Refere-se o comentarista a «certos orgulhos que não poderão ser convencidos de um momento para o outro» e não reconhece que, nesta expressão, está a denunciar um egocentrismo de tal categoria que se julga superior a todos os que organizaram e dirigiram a festa e que, certamente, não estavam nem estão dispostos a regular-se pela sua mentalidade.

Diz que, para não ferir esses orgulhos não quer falar da «organização» e, afinal, é precisamente esta que ataca em todo o seu escrito.

Acusa a propaganda de não ter sido estudada «cientificamen-

(Continua na 3.ª página)

A agricultura e a sua falência

(Continuação da 1.ª página)

economia do mercado regulamentado é trazer à supuração novos acidentes, alguns deles de carácter intransponível.

Por outro lado, a agricultura dum país como o nosso, com características climáticas diversas e com aplicações práticas diferentes, põe em relevo uma multiplicidade de formas agrárias; uma para cada região, pelo menos. Assim, a agricultura algarvia em pouco se parece com a Alenteja; esta, por assim dizer, nada tem com a minhota. No meio ficam regiões mescladas de Alentejo, do Minho, e outras que têm o seu próprio tipo na região. Daqui se infere que afinar o órgão da Lavoura é mais difícil do que afinar os órgãos de todas as catredais do país, para tocarem em conjunto.

Com jeito, boa vontade e a ajuda de Deus tudo se consegue, diz o povo na sua intuitiva sabedoria; e a afinação faz-se. O pior, porém, é que tudo nos tem faltado nos últimos tempos, e a nota afinada, cuja consonância parece que bateu em «marimbau» foi, ultimamente, concertada pelo diapasão do comércio e da indústria, mais desta do que daquele, e resultou em flifa, para não dizer, em nota do Banco de Portugal. Parece que foi isto que o senhor Ministro da Economia pensou, quando afirmou: «Caberá aos sectores produtivos» (referindo-se à agricultura) um papel relevante, mediante uma organização que reduza a cadeia dos intermediários entre eles e o mercado». E logo a seguir: «Se a situação o exigir e dadas as limitações financeiras — que constituem uma outra realidade — poderemos mesmo ser forçados a atrasar o ritmo de execução de certos planos de resultados a longo prazo. Se tal acontecer — o que não desejamos — estamos certos de que uma vez dominada a sua depressão actual, a agricultura ficará em condições de caminhar a ritmo que lhe permita recuperar o seu atraso relativo no processo de crescimento equilibrado da economia portuguesa». E mais adiante: A concretização deste objectivo ligaremos a política de apoio de preços e mesmo de subsídios à agricultura, se necessários».

Plenamente de acordo com as judiciosas considerações do senhor Ministro da Economia. Se a nossa cravella no-lo permitisse, que toca ao Algarve, iríamos ao ponto de dizer que a tarefa requer revisões e contactos prévios em relação a certos condicionaismos. Assim, a indústria do álcool que, em determinada altura, se apoderou do nosso fígado de caldeira, e é hoje, em parte, a responsável pela devastação da figueira, não querera, certamente, aceitar culpas nem compromissos que a obriguem de futuro; a indústria da farinação dos carões de alfarroba senta-se bem na posse dum monopólio implícito, segundo o qual aproveita a matéria-prima vinda de Espanha e de Marrocos, sob o regime de draubaque, e deixa por laborar a nossa, que dantes tinha boa aceitação na Suíça; o emprego do triturado de alfarroba está a fazer-se em precárias circunstâncias, já por exigências na embalagem do produto, quando exportado em sacos de tipo único e portanto relativamente caros, já porque uma campanha adrede feita veio reduzir o seu emprego na alimentação do gado caseiro; os nossos olivais estão

condenados à queima nos fogões de cozinha uma vez que a azeitona, apanhada debaixo da árvore, mal chega — quando chega — para cobrir os encargos da apanha.

E isso porquê? — Por duas razões. A primeira, os prejuízos causados pela mosca do Mediterrâneo que pica e estraga o fruto; a segunda, deficiência nos lagares da região que não dispõem de tulhas em número suficiente para evitar o apodrecimento do fruto antes da elaboração. O azeite, nestas condições, se vem rico em acidez, como é costume, mais rico vem em descontos na tabela dos preços.

Resta-nos, afinal, falar das amêndoas — pobres amêndoas! que só de dez em dez anos têm um ano de boa produção, sobretudo na zona encostada à serra, onde a geada costuma comê-las. Todavia, é a amêndoa o produto que mais pesa na economia agrária do Algarve e o seu aproveitamento seria considerado um maná se uma mão-de-obra abundante lhe não impusesse encargos desmedidos.

Deixamos para o fim os regalos que felizmente abundam no Algarve — já que o sequeiro pouco significa no capítulo das sementeiras — mas os respectivos produtos andam tão desvalorizados em relação ao trabalho que exigem, que muito desses regadios estão a ser abandonados. Quem não semeia e não trata não tem — diz o rifão — mas pior que não ter é ter para perder.

Eu sei bem que em todos estes casos o político e o técnico dão-se as mãos para atirar com as culpas para cima do tempo e para cima do lavrador, que afinal são teimosos um e outro, lutando à porfia por tornar a coisa a pior possível. E a casmurrice ao serviço do mal!

Noutros tempos não era assim. Os técnicos eram menos infalíveis na sua ciência, e conquanto contactassem pouco com o agricultor — como ainda hoje acontece, — sempre tinham uma condescendência com a Lavoura e dividiam as culpas a meias. Quanto ao tempo, esse caprichoso advertício, não oferecia tanto o flanco à crítica. A sua omnipotência era, em parte, dominada pelo almanaque borda-d'água. E quantas vezes não acontecia, no meio duma estiagem prolongada, a gente estingem-se com o seu autor — o sr. Sargocano — e mediante umas palavrinhas mágicas, o vento torcia e a chuva desabava às cataratas. Talvez que houvesse mais cataratas nesse tempo, mas eram mais aquárias e menos opacas do que hoje. E assim os maus anos alternavam com os bons formando um todo desejável e harmónico.

Como este já vai adiantado no espaço e no tempo, reservamos o resto para o próximo número.

GIL BRASINO

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia 20 do mês de Maio próximo futuro, às 11 horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Loulé e nos autos de Execução por custas em que são Exequente — O Ministério Público e Executado — JOSÉ FERNANDES MENDES, casado, proprietário, residente no sítio de Alfaroabeira, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, que correm termos por apenso à Acção de Divórcio que o ora executado moveu a Maria do Espírito Santo, há de ser posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado ao executado e do qual é fiel depositário o senhor João da Silva, casado, proprietário, residente em Loulé:

Prédio:

Um bocado de terra de regadio com uma nora, no sítio do Ludo, freguesia de Almandil, concelho de Loulé, que confronta do norte com Francisco Cavaco das Neves, nascente com Francisco Chumbinho, do sul com José Viegas Alcaria e do poente com Joaquim de Sousa Ronceliro, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 142; vai à praça pelo valor matricial, de 1.320\$00.

Loulé, 8 de Abril de 1965

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leite

Verifique a exactidão

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

J. Pereira da Costa

ODONTOLOGISTA

Consultório:

Avenida José da Costa Mealha, 39-1.ª (em frente ao Cinema).

Telefone 114

LOULÉ

Uma Profissão

(Continuação da 1.ª página)

Róido, embora, pela dor, colhido de improviso pela amargura e o infortúnio, atraído pelo êxito que se resolve em fracasso, de nada o seu rosto pode ar sinal.

Os que nele creem e se lhe entregam, exigem sempre, aliás uma exigência até certo ponto plausível, para seu conforto e tranquilidade, palavras de esperança, o domínio pleno das situações, a temperança e o afecto e, às vezes, só uma força de ânimo extraordinário torna possível.

Quantas vezes o médico com a sua alma envolta em negros crepes, terá de improvisar sorrisos, recorrer a um comportamento fictício, sem ignorar a sensibilidade, a compreensão e a afectividade, para oferecer coragem, estoicismo e confiança, quando tudo está perdido?

A todo o momento lhe batem à porta os que dele esperam alívio ou remédio que, se acaso existe, para alguns se lhe afilura tardio ou ineficaz. E, todavia, nem por isso a máscara de sua convicção aparente poderá deixar de ser, em todos os casos, sempre a mesma e o único recurso a que, já em última instância, terá de lançar mão.

Ainda recentemente, perante as palavras desesperadas dum doente que agonizava com doença grave e que pedia que o operassem para o salvar, nós viamos um cirurgião junto à sua cabeceira encontrar sempre na vontade palavras de fé, um sorriso de harmonia, quando sofria com mais este drama que presenciava.

Quando abandonamos aquele antro da morte, e contemplávamos o sol brilhante, os indivíduos que cruzavam as ruas, tudo nos parecia estranho, porque tudo se passava como aquela hora não estivesse um indivíduo a morrer...

O médico sofre, sofre no mais íntimo do seu ser, lá dentro onde mora o amargo da frustração e da derrota, que nos aniquila os sonhos, as esperanças e as certezas. A sua profissão situa-se entre a vida dum ser que vê nascer, entre a vida que se prolonga, entre o moribundo que apegado à vida implora salvação, entre o cadáver que se dissecar por força da lei ou da ciência, entre a compreensão ocasional do êxito e a condenação atroz do fracasso.

E. Ferreira da Encarnação

Declaração

Adelaide das Dores Madeirinha Neto, doméstica, residente no sítio do Barrocal da Torre de Apra, declara para os devidos efeitos, que não se responsabiliza por quaisquer dívidas contraídas por seu marido, José Guerreiro dos Santos, residente no mesmo sítio. Torre de Apra, 10/4/65

Despedida

Joaquim Pires de Mendonça, 1.º Sub Chefe da P.V.T., e esposa, não tendo podido, por absoluta falta de tempo, apresentar, pessoalmente, os seus cumprimentos de despedida a todas as pessoas amigas, cujo convívio e atenções muito os sensibilizaram, fazem-no, por esta forma, e oferecem-lhes os seus préstimos em Tavira onde fixaram residência.

VENDE-SE

Uma propriedade, no sítio do Vale, a sul da Vila, com área de 18 800 m², composta de figueiras, alfarrobeiras, oliveiras e terra de semear e uma casa que serve de arrecadação agrícola.

Para efeitos de ver a propriedade, tratar com D. MARIA LUISA REBELO, na Rua de 5 de Outubro e para negociar informa o Dr. Jaime Rua.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que nos autos de acção de justificação judicial, nos termos do art.º 199 do Código de Registo Predial, que correm termos pela 1.ª secção de processos deste Tribunal e em que são requerentes Manuel dos Ramos Estanque que também assina simplesmente Manuel Estanque e mulher Maria Mariana, ele marítimo e ela doméstica, moradores na Rua Patrão Lopes, em Quarteira, são citados os interessados INCERTOS para contestarem no prazo de 10 dias, querendo, podendo deduzir oposição ao pedido formulado por simples requerimento, finda que seja a dilacção de 60 dias contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido em ser reconhecido aos requerentes ao direito ao prédio que se compõe de um trato de terreno arenoso com cerca de 1.080 metros quadrados, de semear com figueiras e vinha, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, que confina do norte com Carlos Guerreiro Nunes, nascente e sul com caminho e poente com Maria do Altinho Carapeto, inscrito na respectiva matriz sob o art. 1.684, e autorizada a descrição e inscrição a seu favor, na Conservatória do Registo Predial do Concelho de Loulé.

Loulé, 26 de Março de 1965

O escrivão de direito

(a) João do Carmo Semedo

Verifique a exactidão

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

Quer se trate

de um simples presente de utilidade ou de uma mobília luxuosa
V. Ex.ª terá muito por onde escolher nos

Salões de exposição da Casa

Horácio Pinto Gago

Rua Dr. Frutuoso da Silva Av. José da Costa Mealha

LOULÉ

ECOL

-- Empresa Comercial de Ovos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório a cargo do notário Salvador Rodrigues Martins Pontes

CERTIFICADO, para efeitos de publicação, que no dia seis do mês em curso, de folhas 5, v. a folhas 7, do livro n.º 15 - C, de notas para escrituras diversas, foi rectificada a escritura de quatro de Janeiro do ano em curso, lavrada de folhas 44, a folhas 48, do livro n.º 14 - A, de notas para escrituras diversas, ambos os livros deste Cartório, pela qual se constituiu a Sociedade Comercial, por Quotas de Responsabilidade, Limitada «EMPRESA COMERCIAL DE OVOS, LIMITADA (E. C. O. L.)», no sentido desta denominação ser substituída pela de ECOL EMPRESA COMERCIAL DE OVOS, LIMITADA.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa e de teor parcial que vai conforme consta do original, não havendo na parte omitida nada que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Secretaria Notarial de Loulé, sete de Abril de mil novecentos sessenta e cinco.

O Notário

Salvador Rodrigues Martins Pontes

FÁBRICA DE CONSERVAS VENDE-SE

ACEITAM-SE propostas para venda, em conjunto ou separadamente, de todos os bens (móveis ou imóveis) que constituam o activo da Sociedade LÁZARO & C.ª, L.ª, sociedade por quotas com sede na vila de Olhão e nos quais se encontra incluído o Alvará da sua fábrica de conservas.

Para qualquer esclarecimento dirigir-se até ao dia 30 do corrente mês de Abril ao escritório da referida sociedade, na Rua Gil Eanes, n.ºs 2 a 4, daquela vila, ou ao membro da Comissão Liquidatária, Sr. José Maria Carapeto Malenas, na Avenida 5 de Outubro n.º 34, também na mesma vila de Olhão, — telefone n.º 476

José Laginha Duarte

(Ex - empregado da firma

LAGINHA & RAMOS, LD.ª)

Proprietário de RELÓPTICA

Tem a satisfação de comunicar a todos os seus prezados clientes e amigos que acaba de instalar uma bem apetrechada oficina de reparação de relógios, com aparelhos de tão rigorosa precisão que até inclui um verificador electrónico.

Além disso, o mecanismo do relógio é garantido pela substituição de peças de origem das fábricas de cada uma das marcas.

Estes factores, aliados a uma larga experiência profissional, são garantia da precisão dos consertos executados na

RELÓPTICA

ua 5 de Outubro LOULÉ

Santuário da Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

tenha esta impossibilidade, perante uma obra que consubstancia uma aspiração tão legítima e justa do povo louletano e de tanta gente que manifeste a sua fé, o seu entusiasmo a sua devoção pela Nossa Senhora da Piedade de Loulé, embora não sendo daqui natural.

O assunto da construção do Novo Templo ou Santuário da Nossa Senhora da Piedade não pode continuar sem solução, abandonado à mercê não se sabe de que resolução, de que iniciativas, de que determinações.

O bom povo louletano, o Povo que considera aquela a Sua Mãe Soberana pede, reclama e exige que se lhe dê uma satisfação, que se preste a mais alta homenagem a quem tanto afecto e consagração lhe merece.

Sabemos que uma empresa estrangeira está interessada no arrendamento do pinhal, existente na propriedade legada à Nossa Senhora da Piedade, por um largo número de anos.

Também nos informam que as cláusulas para esse contrato estão entregues ao estudo de dois distintos advogados de Loulé, sendo um por parte do presumível arrendatário e outro por parte da Comissão fabriqueira de São Sebastião.

Com todo o empenho pedimos a esses dois advogados que conclamem os seus estudos e trabalhos, para que se efective a transacção que permitirá dar plena e total execução à construção do Santuário.

Pedimos a esses dois causídicos que no interesse das maiores aspirações de Loulé, conclamem os seus estudos e pareceres. Daqui lhes apresentamos já os nossos antecipados agradecimentos.

J. N.

PNEUS

— «MICHELIN»
— «FIRESTONE»
— «MABOR»

— Recauchutagem nominativa «Firestone»
— Troca de pneus garantidos
— Venda de pneus em 2.ª mão e compra de carcassas

GARAGEM AVENIDA
Agência SHELL
LOULÉ

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Pela primeira secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JOAQUIM DA SILVA e mulher ANTONIA MACHADO VIEGAS, proprietários, residentes no sítio da Corte Garcia, freguesia de Querença, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução com processos ordinário movida por José Teixeira de Sousa, casado, proprietário, residente no Monte das Figueiras de Baixo, freguesia de Querença.

Loulé, 1 de Abril de 1965

O Escrivão de Direito,

(a) João do Carmo Semedo

Verifique a exactidão:

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

PALHA

VENDE-SE palha enfiada (em camionetas). Tratar com Manuel Mateus Pires — Corte de Ouro AMEIXIAL

Cobranças difíceis

Em Lisboa e província, trata José Pereira Esteves, Travessa dos Arneiros, 15, r/c, Esq.º — Lisboa — Benfica — Telefone 70 04 91.

VENDE-SE

Terreno para construção, na Campina de Cima. Nesta redacção se informa.

Ajude o Artesanato! comprando «obra de palma» Algarvia

FORTE DE APRÁ (Loulé)

Agradecimento Manuel Guerreiro Inácio

Embora tardiamente, sua mulher, Maria Isabel Guerreiro, do sítio da Fonte de Apra, não pode deixar de testemunhar o seu agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso marido e se interessaram pelo seu estado de saúde durante a doença que o vitimou.

Neste agradecimento não pode esquecer a família Farajota (da Marroquia) pelas muitas atenções com que distinguiu o seu marido durante tantos anos.

A todos, o preito da sua gratidão.

VENDE-SE

UMA CASA com 7 divisões e quintal na Rua Gil Vicente, n.º 23 — Loulé.

Tratar com Francisco Agostinho — LOULÉ.

Panorâmicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

te» pois o programa — dados os defeitos que não cita — se informava não atrala ou se atrala não informava.

Deste dilema temos que inferir que o programa informava e atrala, simultaneamente e, pelo menos, em parte, dava satisfação ao desideratum que se prosseguia. Se a ciência que faltava na elaboração do mesmo se resume nesta contradição de posições parece-nos o mesmo inatável.

Aponta como deficiência (da organização, é claro) que houve mais preocupação em ornamentar os carros alegóricos do que propriamente «destiná-los e recheá-los para uma Batalha de Flores».

Mas que conceito faz Pedro Xavier das tradicionais Festas do Carnaval de Loulé? Que fim pensará que as mesmas prosseguem? No seu entender os carros poderiam ser uma autêntica «pepeneira», desde que tivessem sacos e serpentinhas com abundância, porque assim é que constituiria um começo brilhante, na sua opinião?

Pois fique Pedro Xavier sabendo que quem organiza estas coisas pensa mais no nome da festa e na boa representação que este terá através da beleza, graça, elegância, distinção e bom gosto que os carros evidenciarem do que propriamente no entusiasmo pelos combates de frangos e galos. Mesmo porque estes sendo produto da iniciativa particular e do entusiasmo e dinamismo dos assistentes não podem constituir preocupação ou obrigação da organização.

Também se nos afigura peregrina a ideia de que a Comissão de Propaganda do Carnaval «devia ser entregue a uma equipa nomeada ou convidada de estudantes», não de Liceu, mas rapazes com cultura universitária.

Acha então Pedro Xavier que a comissão estaria melhor composta a rapazes de «cultura universitária» do que a um licenciado em direito e mais três ou quatro indivíduos — a maioria licenciados — como ocorreu no corrente ano?

A não ser que já se entenda que a «cultura universitária» é exclusivo só dos estudantes...

Ou será que Pedro Xavier deseja argumentar que, no corrente ano, em que se conseguiu obter uma entrevista na Rádio e na TV, a propaganda foi tratada em «processo tradicionalista e monótono»?

Quereria ainda Pedro Xavier afirmar que os rapazes com «cultura universitária» a que se refere, terão mais conhecimentos de técnicas de propaganda do que a pessoa que este ano presidiu à organização, que foi elemento de valor em várias organizações académicas e até Presidente de uma Comissão de Quem das Fitas?

Talvez não nos dispuzéssemos a esta resposta se não fora o último período da sua crítica aconselhando que de futuro se olhe pelas festas do Carnaval mais «ponderadamente» quando tão impoderadamente num período

«A VOZ DE LOULÉ»
N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que nos autos de acção de justificação judicial, nos termos do art.º 199 do Código do Registo Predial, que correm termos pela 1.ª secção de processos deste Tribunal e em que são requerentes ARMINDA ROCHA que também assina ARMINDA ROCHA RAMOS e marido MANUEL GONÇALVES DOS SANTOS, ela doméstica e ele marítimo, residentes no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, são citados os interessados INCERTOS para contestarem no prazo de 10 dias, querendo, podendo deduzir oposição ao pedido formulado por simples requerimento, finda que seja a dilação de 60 dias contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, consistindo o pedido em ser reconhecido aos requerentes o direito ao prédio que se compõe de um trato de terreno arenoso com cerca de 360 metros quadrados, no sítio dos Cavacos atrás referido, que confina do norte com Manuel Pires, nascente e sul com José Teresa e mulher, já falecidos e poente com caminho e autorizada a descrição e inscrição a seu favor, na Conservatória do Registo Predial do concelho de Loulé,

Loulé, 26 de Março de 1965
O Juiz de Direito,
José António Carapeto Santos
O escrivão de direito
João do Carmo Semedo

da mesma se preconiza a entrega da organização a jovens de cultura universitária e noutro contraditariamente se diz que é compreensível que a mesma não possa ser confiada a uma iniciativa académica.

A crítica de Pedro Xavier é irrelevante porque na sua irreverência vai ao ponto de reconhecer «incapacidade» a quem tem condições para lhe demonstrar que não basta ter o «espírito» ou a cultura universitários de que se apregoa tão vaidosamente «estafeta, para dar lições a pessoas que tiveram a generosidade de dar o seu auxílio e valioso contributo às festas de Loulé e que, no corrente ano, eram pessoas que passaram pelas Universidades e podem, por isso, melhor saber o que é a tal «cultura universitária» precisa para fazer propaganda «cientificamente programada».

*

Alguém se aflige com o facto de fazermos propaganda dos melhoramentos de que o nosso concelho carece.

Não se dá esse alguém conta de que algo mudou, de que pode haver quem se interesse pelo progresso do concelho e a quem a propaganda ou sugestão que possamos fazer, interessa.

Toda a propaganda bem intencionada, deve ser recebida com satisfação e alegria por espíritos dedicados e atentos ao desenvolvimento e execução de empreendimentos que valorizem o nosso concelho.

A não ser assim, falseia-se uma missão das mais nobres e sagradas que podem caber a um louletano.

Não colhem, por isso, as insinuações especiosas ou capciosas de quem tenha ou possa ter tido uma opinião diferente sobre a crítica construtiva feita aos actos de qualquer entidade.

Mas ainda queremos lembrar que se não fosse a propaganda dos periódicos locais e regionais, não teríamos esperanças de ter um Parque da Vila.

E como felizmente, não estamos em época de «comunicados» temos mais liberdade de falar, sem ter que pedir vênias, a quem entende que não a podemos utilizar.

R. P.

QUARTEIRA

TRESPASSA-SE estabelecimento comercial, situado no Largo da Feira.

Os interessados devem dirigir-se a Manuel Grade Gomes — QUARTEIRA.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela primeira secção do Juízo de Direito desta comarca, nos autos de habilitação em que são requerentes: José de Sousa Padellinha, viúvo; e Maria Rosa Gonçalves e marido Francisco Guerreiro, residentes, respectivamente, em Vale de Eguas de Cima e Almancil, freguesia de Almancil, desta comarca, são notificados os requeridos MANUEL FRANCISCO CALDEIRINHO e mulher CLARA PARREIRA, ele trabalhador e ela doméstica, ausentes em parte incerta da Argentina; e JOAQUIM MARTINS CALDEIRINHO, solteiro, maior, trabalhador, ausente em parte incerta de Espanha, todos com o último domicílio conhecido no País, no sítio de Vale Formoso, freguesia de São Clemente, desta comarca, para no prazo de OITO DIAS finda que seja a dilação de CENTO OITENTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo, nos referidos autos de habilitação, cujo pedido consiste em: os notificandos e outros serem declarados sucessores de José Martins Caldeirinha, falecido em 4-3-1961 e Florinda da Conceição, falecida em 21-5-1963, a fim de contra eles e outros prosseguirem os autos de Acção de Divisão de Coisa Comum que constituem o processo principal, como tudo melhor consta do duplificado da petição inicial que se encontra na secção à disposição dos notificandos.

Loulé, 26 de Março de 1965

O escrivão de direito

João do Carmo Semedo

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito

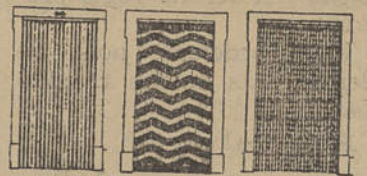
(a) José António Carapeto dos Santos

ESTORES SOL

Moscas e Mosquitos
PARA MONTRAS, MARQUISES,
PORTAS e JANELAS

Medidas e Colocações
Orçamentos grátis e Reparações
Execução rápida e perfeita
Descontos aos Ex.ªs Srs.
Revendedores e Construtores

REDES MOSQUITEIRAS
em gradeamentos próprios
PARA JANELAS



E mais cinco modelos de
ESTORES MOSQUEIROS.

Consulte a
FÁBRICA DE ESTORES
MOSQUI-SOL
VILARINHOS
S. Brás de Alportel
Telef. 42313

Facilidades de Pagamento

Volta a Portugal em Bicicleta

(Continuação da 1.ª página)

laboração da «Cidla», não pode fugir à regra. Os prémios particulares, todos bem recebidos, hão-de ajudar a criar o clima de interesse que se adivinha, e que de resto, está na linha da própria competição.

Muitos prémios particulares estão previstos e a seu tempo se concretizarão. Todavia, torna-se possível registar, desde já, três prémios desse género, que se revestem do mais alto significado. Como já foi dito, as entidades oficiais espanholas interessaram-se vivamente pela Volta a Portugal, facilitando a entrada desta em Espanha, onde terminará, até, três etapas. Esta atitude filia-se, sem dúvida, nas relações luso-espanholas, cada vez mais amistosas, e tem contínuo no gesto simpático do Senhor Director Geral de Promoção de Turismo de Espanha, o qual instituiu um prémio de dez mil pesetas e uma taça para serem disputados numa das etapas que se realizam em Espanha. Por seu turno, o Senhor L. Ismael Herranz, muito ilustrado, Conselheiro de Informação e Turismo da Embaixada de Espanha, instituiu, a título pessoal, o prémio de mil escudos, que se destina, em princípio, ao primeiro corredor português que atravessar a fronteira luso-espanhola.

Estas ofertas de prémios constituem um motivo de valorização da corrida e não são mais, por agora, do que a «guarda-avançada» de muitos outros que certamente se registarão.

6/Abril/1965

A Comissão de Propaganda

TRANSPORTES DE CARGA LOULETANA, LIMITADA

TRANSPORTES DE CARGA PARA ALUGUER

Agência em FARO

Largo de São Pedro, 23-A

Séde em LOULÉ — Telefones 30 e 17

Agências em LISBOA:	Agência em ODEMIRA
R. de S. Mamede, 24-D	Avenida Teófilo da Trindade, 7
(ao Caldas)	Telefone 149
Agência em OLHÃO:	
Avenida 5 de Outubro, 34	Telefone 86 56 37
Telefone 476	Av. 24 de Julho, 88-B e 88-C
	Telefone 66 94 46

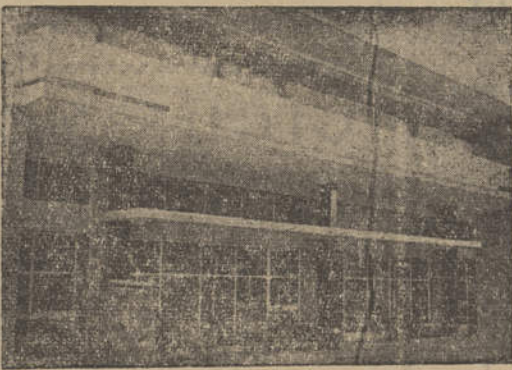
A MOBILADORA MODERNA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS

Praça da República, 8 Telef. 210 — LOULÉ

Certifique-se da variedade do nosso sortido de mobílias, visitando a exposição permanente no amplo salão da cave do edifício.

Faça uma visita a título de experiência e certificar-se-á da modicidade dos nossos preços.



MOBÍLIAS e Adornos para o seu Lar

Para todos os gostos...

Para todos os preços...

De todos os estilos...

Visite os amplos salões de exposição de
Horácio Pinto Gago

Telefone 83

Rua Dr. Frutuoso da Silva **LOULÉ** Av. José da Costa Mealha

DEFENDA A SAÚDE

EXIJA DO SEU FORNECEDOR

ÁGUAS TERMAIS

CALDAS DE MONCHIQUE

- Bactereològicamente puras
- Digestivas
- Finíssimas

Garrafas
0,25 / 0,80

Garrafas
5 litros

Distribuidores EXCLUSIVOS no Algarve e Alentejo

Estabelecimentos **Teófilo Fontainhas Neto** - Comércio e Indústria

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telef. 8 e 89 — S. BARTOLOMEU DE MESSINES — Algarve

Depósitos: FARO — Telef. 944 — TAVIRA — Telef. 264

LAGOS — Telef. 287 — PORTIMÃO — Telef. 148

VL2AM65CN

PREFIRA BEBER

a afamada

GINGINHA e EDUARDINO

das PORTAS de SANTO ANTÃO

e também o especial vinho do

FREIXO

(sem rival)

Vende por grosso e a retalho:

M BRITO DA MANA

Telef. 18 **LOULÉ**

Automóveis e Furgonetas

DE DIVERSAS MARCAS

NOVOS e USADOS

Os melhores preços

As melhores condições

VENDE E COMPRA

José Pedro Algarvio

Telef. 45 — **LOULÉ**

SOLICITADOR

João M. G. Iria

Solicitador Provisório

Largo D. Pedro I, n.º 15

TELEFONES:

Escritório 79

Residência 387

LOULÉ

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 321 — 18-4-1965

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª Publicação

No dia 20 do próximo mês de Maio, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé e nos autos de execução por custas que o Ministério Público move aos executados MANUEL NEVES DA LUZ e mulher HENRIQUETA COELHO, ele comerciante e ela doméstica, residentes no sítio de Monte Brito, freguesia de Alte, concelho de Loulé, por apenso à Acção Sumária que aos ora executados moveu Adelina da Ponte Gonçalves, desta vila, hão de ser postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados pelo maior preço oferecido acima do valor que adiante se indica, os seguintes prédios penhorados aos executados e dos quais é fiel depositário o senhor João da Silva, casado, proprietário, desta vila:

Prédios:

Prédio urbano térreo com um compartimento que se destina a comércio e cinco dependências que se destinam a arrecadação, casa de forno, retrete e cavalariça e logradouro, no sítio de Monte Brito, freguesia de Alte, concelho de Loulé, inscrito na matriz respectiva sob o artigo n.º 2.930; vai à praça pelo valor matricial de 3.520\$00;

Um prédio urbano térreo, com três compartimentos que se destinam um a comércio e dois a arrecadação do mesmo comércio, no sítio de Monte Brito, freguesia de Alte, concelho de Loulé, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 2.931; vai à praça pelo valor matricial de 4.240\$00.

Loulé, 25 de Março de 1965

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito

(a) José António Carapeto Santos

CASA

VENDE-SE uma casa c/ 6 divisões, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, 20 — Loulé. Trata Apartado 27 — LAGOS.

SERRALHEIRO

Precisa-se serralheiro civil, oficial ou meio oficial. Paga-se bem. Nesta redacção se informa.

Furgoneta

VENDE-SE uma Furgoneta marca «Stander», modelo «Atlas», com 0 quilómetros. Boas condições de pagamento. Nesta redacção se informa.

Noticias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Abril:

Em 8, o sr. José Maria Plácido, Calço.

Em 9, a sr.^a D. Dora dos Santos Figueiredo, residente na Venezuela.

Em 12, o sr. João Limas Calado, residente em França.

Em 14, o sr. José Manuel Lima Lopes de Oliveira.

Em 18, a sr.^a D. Ermelinda das Dora de Sousa Pinto, a menina Floribela Maria da Costa Pires e o menino Reinaldo Manuel Caeiro de Jesus.

Em 19, a sr.^a D. Maria da Piedade Vinhas Pinto Lopes e o menino José Manuel Oliveira Jerônimo Guerreiro.

Em 20, o sr. Sérgio Franfe da Silva, residente em França, a menina Deonilde Morgado Martins e os meninos Leonel dos Santos Limas e Fernando Manuel Viegas de Brito.

Em 21, o menino Carlos Pires Valério Castanho e o sr. Fernando Laginha dos Ramos.

Em 22, as meninas Deolinda Rodrigues Martins Anica, Maria Helena Rocheta Guerreiro Rua, e os srs. José Maria Calado da Palma, António Simões Leal, João da Cruz Floro e José de Sousa Gregório, residente nas Sarnadas.

Em 24, a menina Maria José Mendes Neves.

Em 25, as sr.^{as} Dr.^a D. Maria Libânia Vinhas Pinto Lopes e D. Maria Antonieta Ávila Costa Pires e o menino Belarmino Casanova Clemente.

Em 26, os srs. António Pedro Mestre, residente na Venezuela, António José Oliveira e Sousa e José António Oliveira e Sousa e a menina Elisabete Maria Vargues Azevedo e o menino José Orlando Baptista Guerreiro Martins.

Em 27, o sr. Dr. José Viegas Barreiros e a menina Zélia Maria Gonçalves Leal, residente em Vale Formoso.

Em 28, o menino José Calço Nunes, residente na Venezuela e as meninas Maria Serafina de Oliveira Romão e Isabel Margarida Garcia dos Ramos.

Em 29, o sr. Luís Filipe Rocheta Guerreiro Rua.

Em 30, a sr.^a D. Maria Julieta Martins Vargues Azevedo, residente em Ferragudo e D. Catarina Correia Pires Cebola.

Fazem anos em Maio:

Em 1, a menina Leopoldina Silva Bolotinha e a sr.^a D. Maria Baguinho dos Santos.

Em 2, a menina Maria da Conceição Pereira do Nascimento e os srs. Sebastião Seruca Martins Domingos e Manuel de Sousa Campina, residente na Venezuela.

Em 3, os meninos Carlos António Mendonça Garcia dos Ramos e José Eduardo Garrocho Ferreira e as meninas Maria do Rosário Pinto Lima e Ilda Maria Ramos Plácido.

Em 4, as meninas Cesaltina Guerreiro Madeira e Maria Manuela Ventura Neves, residente no Canadá.

Em 5, as meninas Lucinda Paula Frade Inácio Martins, Maria Angela Farrajota de Brito, Ana Luísa Silvestre Magalhães Araújo e o menino João Carlos Fortuna de Brito Vicente, o sr. José Rodrigues Melro, residente na Venezuela.

FARTIDAS E CHEGADAS

De visita a sua família esteve em Loulé o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Comandante Adriano Rocha Carapeto.

Tivemos o prazer de cumprimentar em Loulé a nossa ilustre conterrânea e dedicada assinante e distinta pianista sr.^a D. Maria Campina.

De visita a sua família, deslocou-se a Agueda, sua terra natal, o nosso prezado colaborador sr. Dr. Ernesto Ferreira da Encarnação.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pela sr.^a D. Maria de Sousa Durão Leitão e seu marido pedida em casamento, para seu sr. Dr. José Durão Leitão, foi filho do Instituto Gabriel Técnico, a sr.^a D. Maria Raquel Rocheta Guerreiro Rua, filha da sr.^a D. Maria da Conceição Corças Rocheta Rua e do sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua, nosso director. O casamento deverá realizar-se no próximo Verão.

NOVOS LARES

Na Igreja Paroquial de Que-zença, realizou-se no dia 23 de Fevereiro o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Faisca Cavaco, filha da sr.^a D. Maria Cavaco Faisca e do sr. Manuel Cavaco, (falecido), com o sr. Artur Cor-

reia Faisca, recém-chegado da Venezuela, filho da sr.^a D. Ana Correia e do sr. Manuel Faisca, proprietário do sítio do Pombal.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.^a D. Maria de Fátima Viegas Correia, proprietária da «Sapataria Fátima», de Loulé e a sr.^a D. Celeste dos Santos Faisca, e por parte do noivo o sr. Daniel de Sousa Pires, proprietário no sítio de Casa Branca, freguesia de Salir, e o sr. Custódio Cavaco Faisca, tio da noiva, proprietário no sítio dos Corcitos.

Após a cerimónia religiosa foi oferecido aos convidados um abundante «copo de água» em casa dos pais da noiva.

Ao jovem casal endereçamos os nossos sinceros parabéns.

FALECIMENTOS

Com a idade de 88 anos, faleceu no passado dia 28 de Fevereiro em Faro a sr.^a D. Maria da Assunção Correia Jacinto, viúva do sr. António Jacinto, natural de Vila Real de Santo António.

A saudosa extinta, era mãe das sr.^{as} D. Irene da Conceição Jacinto (solteira) e de Alice Rosa Jacinto da Silva, professora, casada com o nosso prezado assinante e amigo sr. Aníbal Dias da Silva e avó da sr.^a D. Maria Alice Jacinto da Silva.

A sr.^a D. Maria Alice Jacinto da Silva, professora, casada com o sr. professor Rui de Vilhena Rodrigues Júlio, e da sr.^a D. Maria Irene Jacinto da Silva Veiga, casada com o sr. Dr. António Luís Veiga, Conservador do Registo Predial, em Odemira.

Com a idade de 90 anos, faleceu em Faro, no passado dia 1 do corrente, a sr.^a D. Rosalina Correia, solteira, natural do Vale da Boa-Hora (Loulé), que durante 50 anos viveu com a família do sr. Manuel José Madeira, desta vila e do nosso prezado amigo e dedicado assinante em Faro sr. António Pedro Madeira. A extinta deixou numerosos sobrinhos.

— Com a idade de 90 anos, faleceu em Faro, no passado dia 1 do corrente, a sr.^a D. Rosalina Correia, solteira, natural do Vale da Boa-Hora (Loulé), que durante 50 anos viveu com a família do sr. Manuel José Madeira, desta vila e do nosso prezado amigo e dedicado assinante em Faro sr. António Pedro Madeira. A extinta deixou numerosos sobrinhos.

MENINO RUI FERNANDO DA CONCEIÇÃO DE BRITO



Faleceu, no dia 25 de Março, em S. João da Venda, na casa dos avós o Menino Rui Fernando da Conceição de Brito, de 9 anos, aluno da 4.^a classe, filho do nosso conterrâneo sr. Fernando Simões de Brito e da sr.^a D. Irene de Jesus da Conceição, residentes em Venezuela, neto paterno do sr. José de Brito e da sr.^a D. Margarida Simões de Brito e neto materno do sr. Joaquim José e da sr.^a D. Deolinda de Jesus.

A morte do pequenino Rui Fernando causou a maior consternação entre todos que o conheciam em virtude de ser uma criança encantadora.

O seu funeral constituiu uma manifestação de pesar muito sentida, tendo-se incorporado os alunos da Escola Primária, com a sua professora, e grande número de pessoas.

As famílias enlutadas apresentamos as nossas sentidas condolências.

PADARIA e Mercaria

em Vale d'Éguas

Por o proprietário não poder estar à testa do negócio, vende-se ou arrenda-se um estabelecimento de padaria e mercaria, com óptimas instalações restauradas.

Vende-se também terra de sequeiro no Poço de Amoreira e regadio nos Passos de Quarteira.

Dirigir a Francisco Bota — Vale d'Éguas — Alcanil.

Vexilla Regis Prodeunt

(Continuação da 1.^a página)

ta do Pai, a nossa natureza corruptível que Ele uniu a Si».

Por isso, neste dia, luz ofuscante de esperanças nestes tão perturbados e incertos tempos e tema maravilhoso de meditação, lembramos o conselho de S. Paulo numa das suas epístolas aos colossenses: «Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do Alto, onde Cristo está sentado na Glória de Deus; saboreai as coisas do Alto, não as coisas da terra (Col. — 3,1).

Assim, os prósperos e felizes se lembrem do que devem ao amor e à Paixão e à Ressurreição do Salvador e os sofredores e abandonados se confortem na esperança de que, talvez mais por eles, Ele se irmanou conosco.

«Se nos tornámos um mesmo ser com Ele, por uma morte semelhante à Sua, nós o seremos também por uma semelhante ressurreição» (S. Paulo — Rom. 7,5).

Nesta Páscoa de 1965, «transbordemos de alegria nas nossas tribulações».

E o triunfo pascal, que se repete diariamente nos altares nas nossas igrejas e se evoca hoje faustosamente, porque o Mundo, vencido mas não convencido, continua a disputar ao Criador o coração dos homens, há-de prolongar, até ao fim dos tempos, a Glória da Ressurreição — vexilla regis prodeunt.

Transbordemos, pois, de alegria, nas nossas tribulações.

E Páscoa!

J. R.

Uma obra notável e de largo alcance cultural

Está publicado o segundo volume duma obra que se nos impõe como um verdadeiro monumento da cultura de língua portuguesa. Trata-se da *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. A importância deste trabalho só virá a ser devidamente apreciada em toda a sua extensão daqui a muitos anos, ao verificar-se a influência que produziu e a excelência dos materiais que reuniu. Mas, desde já, podemos ter uma ideia desse valor, se nos debruçarmos atentamente sobre a obra feita e considerarmos o modo como ela está elaborada. Este segundo volume pode dar-nos um indicio e um exemplo impressionante do que virá a ser o edifício completo.

Dificilmente se encontrará em qualquer país uma obra concebida e estruturada nos moldes em que foi esta que, ao contrário de outras enciclopédias, de língua portuguesa ou não, apresenta todos os artigos devidamente assinados (pode, só por aí, avaliar-se o grau de competência dos colaboradores) e um sem número de ilustrações, muitas delas a cores. Por outro lado, é notável o cunho moderno (até no aspecto gráfico) e vivo, que se imprimiu a esta obra. Trata-se, na verdade, de uma obra actualizada, em que são tidos em conta muitos elementos que a história ou as investigações nos revelaram já nestes últimos meses.

Por essas e outras razões, não temos dúvida em considerar a *Enciclopédia «Verbo»* a melhor realização que saiu ultimamente dos prelos portugueses. Nem excessivamente curta, de modo que em pouco mais ultrapassasse um simples dicionário; nem tão longa que fique, afinal, impraticável; ela é um modelo de proporções justas, pelo rigor com que foi pensada, organizada e seleccionada, pelo máximo aproveitamento do espaço e nitidez da impressão, pela incisiva redacção dos artigos, pelo equilíbrio distributivo das importâncias atribuídas a cada título. Mas não é só isto. As informações são exactas, pertinentes, sínteses de longas elaborações feitas por especialistas nossos; essas informações assinadas, sabemos em

quem podemos confiar. E como se num único livro reuníssemos obras de vários estudiosos, escritores, artistas e cientistas, sobre os assuntos mais importantes da sua especialidade. Não se trata duma responsabilidade vaga e longínqua, mas duma responsabilidade precisa e directa: a assinatura, em cada artigo, feita por um nome que oferece garantias e de que o leitor pode conhecer previamente o grau de competência. Por isso, a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* não se limita a ser um instrumento de informação para o grande público, instrumento eficaz, alicante e seguro: é também uma fonte e um guia para os que possuem uma cultura excepcional, para os estudiosos, professores e todos os intelectuais. Mas não fica ainda aqui o mérito desta *Enciclopédia*. Atendendo às necessidades específicas do nosso público, ela estruturou-se de acordo com as suas exigências, trazendo o universalismo à nossa concreção, integrando a nossa concreção no universo.

Quando, portanto, folheamos este segundo volume, do mesmo passo que admiramos a elegância, a modernidade e a harmonia do aspecto, a perfeição gráfica, a abundância e acerto de ilustrações pouco vulgares, vamos também admirando o plano que presidiu à sua feitura, e a segurança e responsabilidade dos artigos — todo um repositório de conhecimentos de que podemos haurir um intenso prazer espiritual.

Se pensa no futuro Pense no Seguro

SEGUROS em todas as modalidades Consulte o agente em LOULÉ

Carlos da Graça Ramos Rua Serpa Pinto, 62—Telf. 74

CICLISMO

(Continuação da 1.^a página)

Depois das etapas de Coimbra, Guarda, Viseu e da que terminou naquela cidade.

O comportamento dos ciclistas louletanos tem sido deveras brilhante, designadamente por parte de Tenazinha, que no contrarelogio de Viseu foi o 5.º, Perna Coelho classificou-se em 9.º e Casimiro Cabrita em 25.º. Em Aveiro este foi o 3.º e aquele o 4.º.

A equipa situa-se em honroso 4.º lugar. Parabéns e felicidades.

MOBLIA

Vende-se uma mobília de casa de jantar, em mogno. Nesta redacção se informa.

PENINA

Uma aldeia esquecida

Sem estrada que permita um trânsito regular. Sem telefone que permita uma comunicação rápida com o mundo exterior. Sem electricidade que lhe permita sair das trevas em que sempre viveu, a Penina continua a ser uma pequena terra abandonada, isolada e esquecida.

E tão condenada está a viver nas trevas que até o Posto Escolar, que dava luz aos cérebros das suas crianças, foi encerrado.

As 18 crianças que presentemente estão em idade escolar têm, que percorrer mais de 3 quilómetros para não faltarem à escola... em Benafim.

Há 3 anos que, incompreensivelmente, o posto foi encerrado e ainda hoje toda a população não compreende porque motivo lhe foi roubado o único privilégio que lhe fora concedido.

... E por isso apela para quem

de direito para uma revisão dum problema que tanto afecta esta aldeia do concelho de Loulé.

Com o objectivo de tentar romper com o isolamento em que a Penina tem vivido, uma comissão constituída pelos srs. José da Silva Felício, Manuel Martins Bernardo, Manuel da Silva Felício e Manuel Faisca, conseguiu apurar 20 contos para arrenhar um troço da estrada na extensão de 800 metros.

Tal importância foi conseguida graças à generosidade da população da Penina e arredores e ao valioso auxilio da Câmara de Loulé, que contribuiu com 5 contos.

Essa Comissão está muito grata a todas as pessoas que contribuíram para mais esta importante obra.

C.

Solicitador Encartado

Geraldo dos Santos Esteves

Rua da Madalena, 66-3.º Dt.

Telefone 869573

LISBOA

Palácios e... Justiça!

(Continuação da 1.^a página)

despacho); quando em Março de 1965 se marcaram julgamentos para Fevereiro de 1966 por falta de dia disponível, etc., etc. Em certa comarca temos um processo à espera do despacho saneador desde Julho de 1960!!!

Risum teneatis? Pois é verdade facilmente verificável.

Morrem as partes, perdem-se as oportunidades, pessoas ficam na miséria (vig. a morte de um chefe de família em acidente de viação) e só vêm, quando vêm, reparado o prejuízo ao fim de 2 ou 3 anos, etc., só porque o juiz não tem tempo ou desenvoltura para despachar, manietado por outros serviços.

Teria valido a pena terçar lanças pela oralidade, sacrificando as garantias de segurança às vantagens da rapidez.

A justiça perdeu em segurança sem ganhar em celeridade. Conosco pensarão os que se tem forçados a recorrer aos tribunais e talvez até os magistrados —

A boa justiça depende mais de quem a administra e da forma por que é administrada que do lugar e da pompa onde se exerce.

Haja juizes suficientes e bons e a justiça, da boa, faz-se sob a copa de uma árvore mas desprezemos o elemento humano, e os palácios produzirão decisões tardias e pífias.

O Ministério da Justiça deve pensar, realmente, em dar boas e dignas condições de trabalho a quem labuta nos tribunais, mas deve pensar ainda mais na substância, no *miolo*, desse trabalho, no elemento humano.

Afugentar, por economia (?) os melhores e não deixar aos que ficam, por dedicação ou outro motivo menos encomiástico, tempo para o repouso diariamente necessário e muito menos para enriquecimento da bagagem dos seus conhecimentos por leitura fora das necessárias a cada caso, é baixar cada vez mais, o nível da justiça.

Agrava ainda a situação que, ao lado da pompa e da decoração e das mobílias (em regra desconjuntáveis em poucos meses) que são as coisas que se vêem, nenhum palácio esteja equipado com uma biblioteca (coisa que se não vê, mas que se usa), para utilização dos magistrados, a quem se não paga para tanto.

Há que ver também, neste aspecto, que se se fazem palácios para que as *sedes justitiae* se não minimizem em comparações, há que não sujeitar os servidores dela a nível de vida inferior aos dos que, no meio social, não chegam a ser seus pares.

Quando assim é, o juiz que tem valor pessoal, faz como o lendário corredor de Santarém... e, com menos responsabilidades e menos problemas de consciência, busca outro ganha pão.

Ou muito nos enganamos ou daqui por anos os tribunais parecer-se-ão com romances de cordel encadernados em couro da *Assia* com dourados a ferros especiais, ou, melhor comparado, com prisões douradas, de escravos automatizados por esgotamento intelectual e físico.

Estará, realmente, nos palácios e só nos palácios e na oralidade processual, o problema de se fazer justiça a quem a pede e a tempo de ser útil?

J. R.

Postal de Faro

(Continuação da 1.^a página)

capital algarvia que em anteriores edições teve o grato ensejo de ouvir a Orquestra Gulbenkian de Câmara, sob a regência do Maestro Alvaro Cassuto e o Grupo Português de Bailado, será este ano brindada com um espectáculo de invulgar classe. Constitui-se a presença no palco do Cinema Santo António, em 20 de Maio, do Grupo de Danças e Cantares da Arménia, com todo o exótico folclore daquela Região.

Uma oportunidade que se oferece ao Algarve de assistir a um sarau único.

JOÃO LEAL

CORREEIRO OU APRENDIZ

PRECISA-SE

Tratar com Amadeu de Jesus Quintas — LOULÉ.

Barros Madeira

MÉDICO

Participa aos seus doentes que mudou a sua residência para a

Rua de Portugal, n.º 3

(Altos do Sr. Manuel Fernandes Serra)

Maria Augusta M. Batalim

Médica

TELEFONES Consultório: 386 Residência: 381

Avenida José da Costa Mealha, 38

LOULÉ

COLMEIAS

VENDEM-SE

Quem pretender, dirija-se a Manuel Mestre — Rua de Portugal, 76 — LOULÉ.